



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

SEM ASPAS

**Um documentário sobre a necessidade do diploma para
jornalistas esportivos**

**KLEBER SIMPLICIO BARRETO PIZÃO
PEDRO HENRIQUE DOS SANTOS NASCIMENTO**

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

SEM ASPAS

**Um documentário sobre a necessidade do diploma para
jornalistas esportivos**

Trabalho de Conclusão de Curso submetida à
Banca de Graduação como requisito para obtenção
do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

**KLEBER SIMPLICIO BARRETO PIZÃO
PEDRO HENRIQUE DOS SANTOS NASCIMENTO**

Orientador: Prof. Dr Gabriel Collares Barbosa

Rio de Janeiro

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

NASCIMENTO, Pedro Henrique & PIZÃO, Kleber

Sem Aspas: Um documentário sobre a necessidade de diploma para jornalistas esportivos. Rio de Janeiro, 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo), Escola de Comunicação – ECO – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Orientador: Gabriel Collares Barbosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o Trabalho de Conclusão de Curso **Sem Aspas: Um documentário sobre a necessidade de diploma para jornalistas esportivos**, elaborada por Kleber Simplicio Barreto Pizão e Pedro Henrique dos Santos Nascimento.

TCC examinado:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – ECO-UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens – UFRJ

Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior
Doutor em Ciência da Informação pelo IBICT/ECO-UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens – UFRJ

Prof. Dr. Nilo Sergio Silva Gomes
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – ECO-UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens – UFRJ

Rio de Janeiro

2019

AGRADECIMENTOS

Ao nosso Deus, pelo discernimento e sabedoria concedidos a nós; Nossos pais pelo investimento em nossa formação desde os primeiros anos do colégio e todo o amparo e incentivo para que chegássemos até este ponto, que é apenas de partida para nossa escolha profissional; Aos nossos professores e mestres que dedicam suas vidas a lecionar acerca de uma das profissões mais bonitas existentes que é a de reportar fatos, revelar segredos e levar conhecimento e informação à sociedade, através do nosso empenho e dedicação; Aos nossos amigos que fizemos durante esta trajetória de lutas diárias, com quem compartilhamos as mazelas de atravessar a cidade para assistir as aulas e manter firme nosso sonho e um agradecimentos especial às nossas avós que deixaram esta vida durante a reta final deste projeto e não terão a oportunidade de ver-nos terminar este ciclo, mas que foram peça importante durante a jornada.

NASCIMENTO, Pedro Henrique & PIZÃO, Kleber. **Sem Aspas: Um documentário sobre a necessidade de diploma para jornalistas esportivos**. Orientador: Gabriel Collares Barbosa. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

RESUMO

Este produto audiovisual apresenta, através de entrevistas, a opinião de profissionais do jornalismo, principalmente no setor esportivo, sobre a presença de personalidades que atuam sem a formação superior e dividem espaço com figuras renomadas da imprensa esportiva brasileira. Entre os questionamentos levantados estão a necessidade do diploma para o exercício da profissão, o jornalismo esportivo como ferramenta de entretenimento e novos modelos de propagação de conteúdo jornalístico nas mídias digitais. Além de uma citação especial a Nelson Rodrigues, que não possuía diploma em jornalismo, mas que nas décadas de 60 e 70 publicou textos controversos sobre o futebol, por vezes apresentando uma realidade deturpada dos fatos relatados, instigando o imaginário dos seus leitores.

Palavras-chave: jornalismo; jornalismo esportivo; diploma; formação acadêmica

SUMÁRIO

1. Introdução

2. O Jornalismo Esportivo Brasileiro

- 2.1. Desenvolvimento da cobertura esportiva
- 2.2. O debate sobre a obrigatoriedade do diploma
- 2.3. Ex-atletas no jornalismo
- 2.4. Nelson Rodrigues

3. Relatório de Produção

- 3.1. Escolha de entrevistados
- 3.2. Logística de gravação
- 3.3. Edição

4. Conclusão

5. Referências Bibliográficas

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo esportivo é uma das áreas da comunicação em que é mais perceptível a presença e atuação protagonista de profissionais que não possuem a formação acadêmica em jornalismo, isto por que se consideram ex-atletas, ex-árbitros, ex-técnicos como vozes importantes no que diz respeito a informar o telespectador sobre os esportes, mais frequentemente o futebol.

Grandes veículos de comunicação, principalmente os televisivos, contratam profissionais renomados, com carreiras vitoriosas no esporte, a fim de terem em seu rol, especialistas no assunto que tratam e informam diariamente em seus programas. Outras áreas do jornalismo como a de política, segurança, economia usam este recurso para passar aos seus espectadores mais embasamento sobre as pautas diárias, mesmo que estes profissionais não possuam formação em jornalismo.

No esporte, esse fenômeno, por vezes, transcende assuntos específicos e posições de comentaristas acerca dos assuntos tratados e passam a ser figuras permanentes na grade de programação diária dos canais, não sendo apenas identificados como vozes especializadas, mas apresentadores ou repórteres.

Visando essa presença crescente, os autores deste produto audiovisual pretendem ouvir, democraticamente, os lados envolvidos neste campo de trabalho. Paulo Vinicius Coelho, Edmundo, Lucas Gutiérrez, Ricardo Perrone, são alguns dos nomes conhecidos pelo público que consome o esporte, que serão personagens deste documentário e trarão sua ótica sobre a diversidade encontrada nos veículos de comunicação. Essa variedade de personagens na produção tem por objetivo revelar as múltiplas formas de se fazer jornalismo na atualidade e levantar o debate sobre a importância do diploma em comunicação social ou jornalismo para se atuar no mercado.

Dos nomes citados no parágrafo acima, encontram-se um ex-atleta reconhecido na história do esporte brasileiro, um blogueiro, que usa a ferramenta da internet para difundir conteúdo jornalístico (ou não), um professor da universidade de jornalismo, um estudante recém-formado, que acaba de ingressar no mercado e jornalistas, que apesar de aqui pertencerem ao mesmo nicho, pensam muito diferente a respeito da carreira, produção jornalística e atuação no mercado, sem a formação acadêmica em jornalismo.

A distribuição capitular deste trabalho estará dividida em justificativa teórica e a descrição do trabalho prático. Na análise teórica será tratada a questão do diploma para o exercício da profissão jornalista, passando por aspectos históricos, cronologia da

obrigatoriedade da graduação para atuar, finalizando com uma menção especial a Nelson Rodrigues, precursor de um jornalismo diferenciado e polêmico entre as décadas de 1950 e 1970. Na sequência, será descrito o processo de produção do material audiovisual.

O primeiro capítulo (2.1) apresentará um levantamento histórico sobre o desenvolvimento da cobertura esportiva a partir do âmbito internacional, chegando à imprensa deste segmento no Brasil. Nesta análise será abordada a influência social nas publicações esportivas e na escolha dos esportes contemplados. Relembra a estrutura textual e os primeiros títulos a dedicar mais espaço a este nicho. Todas essas informações serão levantadas por importantes pesquisadores do jornalismo esportivo.

O capítulo 2.2 abordará a cronologia política que motivou a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso. Instituída sob o Regime Militar, através do decreto-lei 972/69, que regulamenta a profissão, a obrigatoriedade do diploma foi retirada em 2009, por decisão do Superior Tribunal Federal e desde então a discussão seguiu-se entre políticos e profissionais da área. Neste trecho, além de recuperar notícias sobre as mudanças no decorrer do tempo, aparecerão também opiniões de entrevistados do documentário, falando sobre a importância da academia na profissão.

Na sequência, o capítulo 2.3 falará sobre como ex-atletas e especialistas não diplomados ocupam lugar nas redações. Até onde pode ir um ex-atleta e qual é a sua contribuição para o jornalismo e como se adequam, são algumas das questões. Um dos aspectos abordados é a posição deles como ídolos, o que pode servir de estratégia para atrair a audiência de apaixonados pelo esporte. Aqui entrarão nomes não só envolvidos no esporte, mas especialistas também de outras áreas que contribuem para os programas jornalísticos, como segurança, saúde e economia.

O último capítulo (2.4) será direcionado a Nelson Rodrigues, jornalista, roteirista, teatrólogo, escritor, que desde a década de 1950 escrevia crônicas no jornalismo esportivo de uma forma distante do tradicional e informativo. Nelson não tinha boa visão e contava com ajuda de colegas para ‘detalhar’ os lances que estavam acontecendo à frente de seus olhos, nos grandes estádios da época. Nelson não possuía formação em jornalismo, curso que ainda era prematuro, tendo início no Brasil em 1947¹.

Após o relato teórico, virá a descrição da produção do documentário “Sem Aspas”. Iniciando pela escolha dos entrevistados e as razões pelas quais eles têm voz

¹ Disponível em: <http://fenaj.org.br/primeiro-curso-de-jornalismo-do-brasil-completa-70-anos/>. (Acesso em 04/07/2019)

relevante para este produto audiovisual; passando pela logística da gravação e como foi feito contato, escolha do local do registro e equipamentos que serão utilizados; finalizando com o processo de edição do material.

Na etapa da escolha dos entrevistados (3.1), serão descritos todos os 10 participantes entrevistados, em ordem alfabética, com uma breve biografia sobre eles, incluindo trabalhos na carreira, o que fazem e onde trabalham no momento. Na sequência será mostrado o perfil de cada um para justificar a participação de deles na produção deste documentário. Nesta etapa estará contido também o tempo de gravação de cada entrevista e estará dito se o personagem em questão tem ou não o diploma em jornalismo.

No capítulo seguinte (3.2), será descrito o processo logístico de produção em ordem cronológica. Constará neste trecho a forma como os entrevistados foram contatados, suas reações à proposta deste documentário, a data entre o dia que receberam o convite, até a realização da gravação. Serão revelados também detalhes do dia da gravação, onde ocorreu, os equipamentos utilizados e a escolha dos cenários para a gravação.

O último capítulo (3.3) explicará as etapas da edição do documentário. Serão tratadas as escolhas técnicas e estéticas, como os cortes, roteirização, escolha das trilhas e sequência das entrevistas aplicadas conforme os temas. Serão ditas também as referências das imagens de apoio utilizadas para ilustrar a entrevista e o programa utilizado para a edição.

2. O JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO

A formação jornalística pode ser motivada por dezenas de razões que envolvem influência familiar, relações afetivas, percepção de aptidões desde a infância, entre outros. Quando voltamos os olhos para a cobertura de esportes, existe um aspecto relevante a se considerar que é o fator “paixão”. Meninos e meninas crescem observando a relação de seus pais, mais frequentemente o pai, com seu clube “do coração” e essa referência pode tornar-se um incentivo para que, com o decorrer dos anos, este filho busque estar mais próximo do esporte, como exemplifica Lucas Gutiérrez, apresentador do canal Sportv, ao lembrar da construção de seus ídolos:

Quando era moleque assistia Globo Esporte, programas de esporte. Leifert, Escobar, Fernanda Gentil que é uma referência que a gente cresceu junto. O Tadeu Schmidt também. Mas lembro de ver o Milton Neves, porque ‘Gol - Grande momento do Futebol’ era um programa que eu acompanhava com meu pai domingo a tarde².

Apesar de lidar com um forte viés afetivo, o jornalismo esportivo, tanto quanto os demais segmentos, segue o código de ética da profissão que diz que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação”³, principalmente porque lida com um público diversificado e pronto à apontar alguma incoerência, quando a pauta é o clube ao qual acompanha e torce.

O jornalismo esportivo alcança classes variadas de público, já que o interesse, principalmente no futebol, é visto em todas as camadas sociais, independente do acesso a TV a cabo, *pay-per-view* ou mídias digitais, a paixão pelo esporte é transcendente a essas barreiras. O acesso a informação é crescente e este fenômeno se reflete no setor esportivo do jornalismo. Bretones afirma que “apesar das publicações esportivas existirem regularmente no Brasil desde os anos 1970, nenhuma delas pode ser comparada ao que os jornais consideram hoje como cobertura esportiva.” (BRETONES, 2010, p.13)

2.1. Desenvolvimento da cobertura esportiva

“Futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho” (RAMOS apud COELHO, 2003, p.7). Assim Paulo Vinícius Coelho, o PVC, cita em seu livro uma passagem do escritor Graciliano Ramos e complementa ainda

² Em entrevista ao autor no dia 26 de abril de 2019

³ Disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>. (Acesso em 30/05/2019)

afirmando que “provavelmente nenhum palpite de comentaristas antes de qualquer Copa do Mundo foi tão furado quanto o do escritor” (COELHO, 2003, p.7). O que o autor quis dizer é que o insucesso previsto na citação tornou-se uma realidade completamente oposta e inversamente bem-sucedida e com a valorização do futebol no país, a imprensa esportiva cresceu na mesma proporção.

Antes de chegar ao Brasil, o jornalismo esportivo surgia na terra do futebol, mais precisamente na capital, Londres, em meados de 1852, com o primeiro diário sobre esportes, conhecido como *Sportsman* e logo avançou pela Europa, quando quatro anos após, já circulava pela Espanha uma publicação quinzenal denominada por *El Cazador*, voltada para os esportes de caça.

Ainda conforme segundo Tubino, M., Garrido e Tubino, F (2007, p. 719), a imprensa esportiva expandiu-se pela Espanha, quando em 1869, em Cadiz é criada a revista *El Sport Español* e em 1886, em Bilbao, a *La Ilustración Gimnástica*, publicação que tem ampla aceitação do público e precede a inauguração, na Itália, do jornal *Gazzetta Dello Sport*, três dias antes dos Jogos Olímpicos de Atenas, o primeiro da era moderna, realizado entre os dias 6 e 15 de abril de 1896, na capital grega.

Chegando ao Século XX, outra publicação que resiste até os dias atuais é o *El Mundo Deportivo*, hoje conhecido apenas por *Mundo Deportivo*, que lançado em 1906, em Barcelona, era diversificado por não apenas abordar várias modalidades esportivas, mas também incentivar a prática esportiva pelos jovens. Até 1929, esta publicação era semanal, quando a partir de então passou a ter edições diárias e em formato de tabloide, fato inédito na imprensa esportiva.

Outro marco importante ressaltado pelos autores do *Dicionário enciclopédico Tubino do esporte* é a primeira transmissão ao vivo e na íntegra de um evento esportivo. A luta de boxe entre Jack Dempsey e Georges Carpentier, transmitida pela rádio KDK-A, em 1921, e deste episódio originou-se uma expressão que permanece até a atualidade nas transmissões de rádio, devido ao tempo recorde deste evento

Os historiadores destacam que foi uma jornada, pelo tempo que permaneceu no ar. Por isso, as coberturas do Esporte no rádio passaram a ser conhecidas como Jornadas Esportivas (Tubino et. al., 2007, p. 719)

A televisão surge no cenário das coberturas esportivas em 1936, durante os Jogos Olímpicos de Berlim, na Alemanha, mas o conteúdo registrado pelas câmeras era apenas reproduzido para os espectadores presentes, não havendo uma retransmissão. A TV BBC,

de Londres, foi a pioneira nas transmissões televisivas externas. A primeira experiência de transmissão ao vivo foi no Torneio de Wimbledon, em 1937 e em 1940, em uma partida de beisebol nos Estados Unidos, em ambas a transmissão não foi na íntegra. Fato ocorrido oito anos após, em 1948, nos Jogos Olímpicos de Londres.

Em 1950 o engenheiro Hubert Schlafly inventou um equipamento que revolucionou as transmissões televisivas e, conseqüentemente, também o jornalismo esportivo. O *teleprompter* é uma peça acoplada às câmeras profissionais e por ele é exibido o texto a ser lido pelo apresentador. É praticamente impossível perceber esse efeito, pois o diferencial deste equipamento está no fato dele espelhar o texto exatamente na direção da câmera, sendo assim, o leitor não precisa desviar o olhar e, naturalmente, foca no centro da lente.

Poucos anos mais tarde, outra revolução tecnológica na comunicação. O satélite americano Telstar foi o primeiro a transmitir imagens televisionadas, ao vivo, entre Estados Unidos e França. O equipamento pioneiro foi fabricado pela AT&T, na Florida. Apesar de revolucionário, nas primeiras utilizações o Telstar era capaz apenas de enviar imagens pelo período de 20 minutos e esse conteúdo foi transmitido pela primeira vez através dos canais americanos CBS, NBC e ABC, dos canadenses CBC e da europeia Eurovision.⁴

O início da década de 90 ficou marcado pela instalação do sistema *pay-per-view*, que nas TVs por assinatura da época já tinham como destaque filmes e eventos esportivos. Esse sistema perdura até a atualidade e é um forte complemento à programação esportiva paga brasileira, principalmente no futebol, sendo também fonte de renda para os clubes participantes do Campeonato Brasileiro⁵.

Retornando ao Brasil, os primeiros registros do jornalismo esportivo no país foram feitos em 1856, através da publicação *O Atleta*, que não noticiava resultados como atualmente, mas tratavam de aprimoramento físico. As publicações seguintes abordavam esportes que hoje, perderam protagonismo para o futebol, como diz André Ribeiro:

O jornalismo esportivo brasileiro teria nascido em 1856, com *O Atleta*, passando receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. Pouco depois, em 1885, circularam *O Sport* e *O Sportsman*. Em 1891, surgiu em São Paulo *A Platea Sportiva*, um suplemento de *A Platea*, criado em 1888. Dez anos depois, em 1898, também em São

⁴ Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/primeira-transmissao-de-tv-via-satelite-completa-50-anos,38ba8116492da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. (Acessado em 15/07/2019)

⁵ Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/quanto-cada-clube-vai-ganhar-do-payper-view-no-brasileirao-122200261.html>. (Acesso em 30/05/2019)

Paulo, surgiram a revista O Sport e o jornal Gazeta Sportiva (que não tem nada a ver com o jornal que seria criado futuramente), periódico de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade: apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo (RIBEIRO, 2007, p. 26)

O Jornal do Brasil foi precursor em tornar a pauta esportiva uma editoria nas publicações brasileiras, quando em abril de 1891, dedicou uma coluna intitulada “Sport”, ao noticiário esportivo da época. Até então, as informações sobre os esportes apareciam entre outras editorias, tais quais a comercial, de política, economia e até das notícias sociais (HOLLANDA & MELO, 2012, p. 26). Apesar desse pequeno espaço destinado a este fim, os jornais contribuíram de maneira significativa para o crescimento do esporte, já que, além de noticiar, as publicações também explicavam regras e peculiaridades das modalidades, alcançando outras camadas sociais.

O preconceito era presente na editoria esportiva que surgia no noticiário ainda para atender a elite que era praticante das modalidades noticiadas (caça, turfe e remo) e parte deste preconceito era devido à visão que se tinha do esporte apenas pelo viés recreativo, sem profissionalização e por este motivo, não cabia ocupar espaço entre notícias importantes como política e economia, por exemplo.

Um marco para o ingresso do futebol no noticiário esportivo ocorreu no início do século passado, mais precisamente em 1901. Segundo Ribeiro (2007), a primeira nota sobre futebol foi escrita na coluna esportiva (Sport) para o Jornal Correio da Manhã⁶, no dia 22 de setembro, a fim de relatar o duelo entre *Paysandu Cricket Club* e *Rio Cricket and Athletic Association*.

O primeiro duelo interestadual, ainda conforme André Ribeiro (2007) ocorreu no mês seguinte, no dia 18 de outubro, entre as seleções do Rio de Janeiro e de São Paulo. Esta partida foi pauta dos jornais *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã* e esta partida acabou sendo gatilho para a Liga de Futebol de São Paulo, em 1902 e a partir de então o futebol definitivamente passou a fazer parte do noticiário.

Em 1910 a *Fanfulla* era criada e apresentava uma nova forma de noticiar o esporte, segundo Paulo Vinícius Coelho:

Em São Paulo, na década de 1910, havia página de divulgação esportiva no jornal *Fanfulla*. Não se tratava de um periódico voltado para as elites, não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: os italianos. (...) O jornal trazia relatos de página inteira num tempo em que esse esporte ainda não cativava multidões. E

⁶ Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1901_00100.pdf. (Acesso em 31/05/2019)

informava fichas de todos os jogos do clube dos italianos. Até mesmo dos que incluíam times de aspirantes palestrinos contra os segundos quadros de equipes do interior. (COELHO, 2003, p. 8)

A crescente difusão do futebol no noticiário não era suficiente para superar as barreiras sociais e até o início da década de 1930, este esporte estava aquém dos mais antigos, já praticados pela elite e era notória uma separação entre as modalidades, de forma que o futebol era marginalizado, se comparado aos mais tradicionais, como turfe, caça e pesca. Ribeiro (2007, p.27) relata que as publicações da época destratavam dos atletas do futebol, chegando a denomina-los como brutos, incapazes de seguir regras e até de ‘canelas negras’.

Com essa marginalização, o futebol passa a ser vinculado aos mais pobres das periferias e os jogadores são vítimas de preconceito, como destaca Waldenyr Caldas:

O fato é que esse preconceito nasce justamente do desejo das elites em não ter qualquer identidade com os outros segmentos da sociedade. Aliás, esse fenômeno, antes de ser um fato sociológico, é um fato histórico. Jamais, e em qualquer momento, a classe dominante desejou identidade com as demais classes sociais. (CALDAS, 1990, p. 51)

A primeira Copa do Mundo conquistada pelo Brasil, em 1958, na Suécia foi mais um marco na cobertura do futebol. O sucesso da seleção de Pelé acarretou no aumento da busca pela audiência e fez com que os periódicos brasileiros buscassem uma especialização no esporte, trazendo significativa melhora na qualidade dos impressos (AMARAL, 1982).

Já que o futebol era um esporte mais voltado para as classes populares, como relatado anteriormente, um fenômeno prejudicou a criação de impressos pautados no futebol: a falta de condições financeiras para comprar os jornais e também o desinteresse pela leitura de maneira geral.

Revistas e jornais foram desaparecendo com o passar dos anos. No Rio de Janeiro, a *Revista do Esporte* viveu bons entre o final da década de 1950 e o início os anos 1960. Viu nascer Pelé e o Brasil ganhar títulos mundiais. Viu o futebol, seu carro-chefe, viver momentos de estado de graça. E nem assim sobreviveu as adversidades. No final dessa década, o jornalista paulistano Roberto Petri lançou seu próprio diário esportivo: *O Jornal*. Não durou. (COELHO, 2003, p. 9)

O início da década de 1970 foi a época em que, de fato, o jornalismo esportivo começou a se consolidar entre os jornais brasileiros. Poucos anos antes, o *Caderno de Esportes* originou o *Jornal da Tarde* e desde essa época outros grandes jornais aumentaram o espaço dedicado aos informativos do universo esportivo do país, mas não havia regularidade nestas publicações (COELHO, 2003, p.10). Até que em março de 1970,

a Revista Placar⁷ era lançada exclusivamente para tratar dos esportes, predominantemente o futebol e após 49 anos, segue viva no cenário do jornalismo brasileiro, que hoje tem amplo e versátil espaço dedicado ao jornalismo esportivo.

2.2. O debate sobre a obrigatoriedade do diploma

Uma grande polêmica que envolve a prática jornalística é a necessidade do diploma para atuar profissionalmente. A graduação em jornalismo chegou ao país apenas em 1947, quando foi instituída a Escola de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo⁸. A obrigatoriedade da formação superior para o exercício do jornalismo, no entanto, foi determinada na época do regime militar, através do decreto-lei 972/69. Em 2009, o Supremo Tribunal Federal derrubou essa necessidade, considerando-a inconstitucional e afirmando que feria a liberdade de expressão:

O entendimento foi de que o artigo 4º, inciso V, do Decreto-Lei 972/1969, baixado durante o regime militar, não foi recepcionado pela Constituição Federal (CF) de 1988 e que as exigências nele contidas ferem a liberdade de imprensa e contrariam o direito à livre manifestação do pensamento inscrita no artigo 13 da Convenção Americana dos Direitos Humanos, também conhecida como Pacto de San Jose da Costa Rica.⁹

À época essa decisão foi tomada pelo ministro Gilmar Mendes, em julgamento de Recurso Extraordinário, tendo o ministro Marco Aurélio, sido voto vencido na decisão. Mendes não via separação entre o jornalismo e a liberdade do povo de se manifestar: “o jornalismo e a liberdade de expressão são atividades que estão imbricadas por sua própria natureza e não podem ser pensados e tratados de forma separada”¹⁰.

Três anos mais tarde, em agosto de 2012, o diploma voltou à pauta e a exigência dele tornou a ser aprovada no Senado, desta vez através da emenda constitucional 33/2009, proposta pelo senador Antonio Carlos Valadares (PSB-SE). A proposta foi aprovada por 60 votos, contra quatro.¹¹

⁷ Capa da primeira edição da Revista Placar, em 20 de março de 1970. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/muzeez/uploads/galleries/large/galleriesFiles/6WejwmWb4yBGcRa4a-1-20-de-marco-de-1970.jpg>. (Acesso em 02/06/2019)

⁸ Disponível em: <http://fenaj.org.br/primeiro-curso-de-jornalismo-do-brasil-completa-70-anos/>. (Acesso em 04/07/2019)

⁹ Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717>. (Acesso em 28/05/2019)

¹⁰ Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717>. (Acesso em 28/05/2019)

¹¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/08/senado-aprova-exigencia-de-diploma-para-jornalistas.html>. (Acesso em 28/05/2019)

Em novembro do ano seguinte, a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados aprovou a proposta¹² (PEC), que ainda seria analisada por comissão especial antes de ir ao plenário. Desde então, apesar da discussão ter sido pauta no plenário¹³, nenhuma decisão definitiva foi tomada, já que a Câmara é bem dividida com relação a essa decisão. Os favoráveis à exigência afirmam que essa medida melhora o padrão de qualidade e valoriza o trabalho jornalístico, enquanto os contrários, veem a medida como uma ferida na liberdade de expressão, como à época da primeira decisão, em 1969, durante o regime militar.

O Professor e Doutor Fernando Ewerton Fernandez Júnior, coordenador do curso de jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ, entende a época em que foi limitada a prática jornalística aos diplomados, mas para ele, essa exigência eleva a qualificação da classe:

A questão do diploma foi importante num determinado momento, ainda que a exigência tenha vindo de uma lei da ditadura, cujo objetivo era cercear quem fazia jornalismo, identificar e poder ter um controle maior, mas que contribuiu, sem dúvidas para uma qualificação profissional, até uma valorização da profissão.¹⁴

Enquanto no Brasil essa discussão causa polêmica, dividindo profissionais e autoridades políticas, nos Estados Unidos ela é inexistente. O jornalismo praticado entre os norte-americanos não depende da formação em jornalismo, mas sim em outras áreas que se dividem nas editorias dos jornais, como economia, política, saúde, tecnologia e até o esporte, que nesse aspecto se assemelha ao Brasil, já que lá, ex-atletas e profissionais da área tem espaço nos veículos de comunicação.

Seth Kugel é um jornalista estadunidense, que trabalha para o *The New York Times* e em 2014 inaugurou o canal *Amigo Gringo*, no qual dá dicas comportamentais sobre Nova Iorque para os turistas brasileiros. Apesar de escrever para um dos maiores jornais do mundo, Seth não tem formação em jornalismo e vê com normalidade este fato:

Quando ouvi pela primeira vez que no Brasil precisava de diploma para exercer a profissão de jornalismo, admito que não entendi, mas os sistemas são muito diferentes. O Brasil é muito mais um país onde você tem um certificado, um diploma, essas coisas importam mais no Brasil, “eu estudei e aqui está o papel”. Aqui nos EUA é mais mostrar seu

¹² Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/08/senado-aprova-exigencia-de-diploma-para-jornalistas.html>. (Acesso em 28/05/2019)

¹³ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/COMUNICACAO/483434-EXIGENCIA-DO-DIPLOMA-DE-JORNALISTA-VOLTA-A-PAUTA-DO-PLENARIO-NA-TERCA.html>. (Acesso em 29/05/2019)

¹⁴ Em entrevista ao autor no dia 24/05/2019

trabalho: “Olha aqui o que eu consigo fazer”, aí eles dizem se é bom ou não. Obviamente não é verdade para médicos, advogados, nem algumas outras coisas. Arquitetura, por exemplo, você precisa estudar e passar no teste, mas em muitas profissões, muito mais que no Brasil, é só mostrar que você sabe fazer.¹⁵

A questão do diploma nunca foi discutida, pois na Primeira Emenda à Constituição dos Estados Unidos está contida uma clara orientação sobre a liberdade de expressão e entende-se que limitar o jornalismo ao diploma, seria um cerceamento desta liberdade:

O congresso não deverá fazer qualquer lei a respeito de um estabelecimento de religião, ou proibir o seu livre exercício; ou restringindo a liberdade de expressão, ou da imprensa; ou o direito das pessoas de se reunirem pacificamente, e de fazerem pedidos ao governo para que sejam feitas reparações de queixas. (tradução nossa)¹⁶

Apesar de não ser obrigatório para a prática do jornalismo atualmente, para ingressar em um veículo da grande mídia como jornalista, é preciso ter a formação ou estar se preparando para tal. Empresas como a Grupo Globo, FOX Sports, Bandeirantes, Veja, mantêm anúncios constantes de vagas para estágio em suas companhias. Normalmente essa oferta de vaga vem acompanhada de uma premissa inviolável: É preciso estar cursando Jornalismo ou Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo e em alguns casos é preciso ainda ter superado alguns períodos da universidade para entrar na disputa pela vaga.

O jornalista Lucas Strabko, repórter do Grupo Globo e intérprete do personagem *Cartolouco*, relatou a importância da universidade no seu processo de desenvolvimento, até se tornar uma peça importante no quadro de talentos do canal. Lucas é formado pela faculdade paulista Cásper Líbero, especializada na área de comunicação.

Todas vezes que fiz processo seletivo para estagiário não podia não ter diploma. Sempre precisava estar na faculdade e tal. Na nossa área o caminho mais fácil para entrar num emprego bacana, é sendo estagiário. Para isso tem que ter uma faculdade. Tentei estágio na ESPN, não passei; na Gazeta Esportiva também não passei e a galera tinha a obrigatoriedade de estar cursando uma faculdade para poder trabalhar. Tenho certeza absoluta que é incomparável: Se você tiver cursando uma universidade, você vai ter muito mais chance de trabalhar em um lugar bacana, por que os lugares exigem isso. Apesar dessa obrigatoriedade ter caído, tirando os comentaristas, Neto, Edmundo, que suponho que não tenham uma

¹⁵ Em entrevista ao autor no dia 15 de janeiro de 2019

¹⁶ Texto original: *Congress shall make no law respecting an establishment of religion, or prohibiting the free exercise thereof; or abridging the freedom of speech, or of the press; or the right of the people peaceably to assemble, and to petition the Government for a redress of grievances.* Disponível em: https://www.law.cornell.edu/constitution/first_amendment. (Acesso em 02/06/2019)

faculdade, é muito difícil a galera que trabalha em produção, nessas outras áreas, não ter o diploma, que é a maioria da galera que trabalha no jornalismo.¹⁷

Como citado por Lucas, há algumas exceções para o ingresso no jornalismo sem precisar de um diploma ou estar em um curso superior. Os “colaboradores” são contratados pelo conhecimento técnico que têm em determinadas áreas ou até pelo retorno midiático que podem trazer, por serem famosos em determinadas áreas e podem contribuir com a dinâmica das transmissões.

Existem exemplos na área da saúde, com o Dr. Drauzio Varella¹⁸, médico oncologista que se tornou escritor, comentarista e até repórter na TV Globo; na área de segurança, com Rodrigo Pimentel¹⁹, ex-policia do BOPE e comentarista de segurança da Globo Rio até 2015; na área econômica com Samy Dana²⁰, economista conceituado que tornou-se âncora do programa Conta Corrente, da Globo News. Todos os nomes citados acima não possuem formação em jornalismo, mas pelo conhecimento técnico que possuem, se credenciaram como consultores no plantel dos veículos de comunicação. O mesmo acontece na área de esportes com profissionais que atuaram como atletas, árbitros ou treinadores.

2.3. Ex-atletas no jornalismo

A carreira de um atleta dura cerca de 30 anos, leva-se em consideração o início das atividades nas categorias de base, normalmente na faixa dos 10, 12 anos, mas antes disso os meninos já estão envolvidos com a atividade física. Com cerca de 40 anos, os jogadores já estão na reta final de atividade ou já pararam. E após tantos anos de concentração, treinos e jogos, o que fazer nos anos de vida que ainda restam? Alguns deles optam por seguir carreira na TV, como “a voz do especialista”, quando o assunto é futebol ou outros esportes.

Antes de posicioná-los no mercado da comunicação, vale ressaltar que os indivíduos contratados por grandes canais de comunicação, tem uma relação de idolatria com milhares de pessoas que seguem os times pelos quais eles fizeram sucesso ou simplesmente admiram sua capacidade técnica. Apesar de Nietzsche afirmar que “mortos

¹⁷ Em entrevista ao autor no dia 11 de abril de 2019

¹⁸ Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/1918810/antonio-drauzio-varella>. (Acesso em 03/06/2019)

¹⁹ Disponível em: <http://www.animapalestras.com.br/?p=2602>. (Acesso em 03/06/2019)

²⁰ Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/4891643/samy-dana>. (Acesso em 03/06/2019)

estão todos os deuses” (NIETZSCHE apud CAMPBELL, 1997, p.194), a idolatria vista no futebol dá a impressão de que alguns personagens tornam-se, se não deuses, ‘semideuses’ para torcedores apaixonados.

A presença deste perfil de profissionais nas redações pode causar conflitos, já que estes personagens, na maioria dos casos, não possuem formação em jornalismo, e por vezes não foram instruídos sobre os princípios e código de ética da classe. No entanto, Edmundo, craque com história no futebol e hoje comentarista do FOX Sports, explica como lida com essa diferença:

Eu acho que a gente se completa. Eu não tenho sede pela notícia, sabe? Por exemplo, as vezes acontece de ter uma informação privilegiada e eu ligo para um dos meus companheiros aqui e passo, por que não tenho compromisso com a notícia. Eu tenho compromisso com a verdade de comentarista. O jogo aconteceu e eu vou comentar sobre o jogo. Não corre em mim a veia jornalística e acho que isso que faz com que a gente não tenha tanto conflito. A gente se complementa. Também consigo passar um pouco do que vivi lá dentro²¹

Na visão do ex-atleta, os contratados como comentaristas nos veículos têm um lugar de fala limitado, mas que funciona como complemento das transmissões jornalísticas, levando a ótica de quem já atuou do outro lado da cobertura, entre os que se tornam produto da audiência.

Havendo a presença dessas figuras, com conhecimento técnico adquirido, qual é o maior diferencial dos jornalistas diplomados das redações? Ir além do jornalismo esportivo propriamente dito. No entorno do esporte estão pautas relacionadas a política e economia, como por exemplo quando diz respeito ao comando dos clubes; saúde, quando se trata das condições físicas dos atletas e até policial, costumeiramente visto em casos de violência entre torcedores. O jornalista Antônio Alcoba López (2005) destaca esse diferencial para os jornalistas por ofício:

Os bons jornalistas esportivos não são caracterizados por escrever e falar com conhecimento da causa do esporte ou dos esportes que eles tratam; eles são excelentes jornalistas porque eles vão além das notícias reais de notícias esportivas²². (ALCOBA, 2005, p. 70, tradução nossa)

A contratação de ex-atletas nas emissoras é um fenômeno crescente e que tem picos em grandes eventos esportivos, como Olimpíadas e Copa do Mundo, época em que a demanda de eventos ao vivo é aumentada, já que estas competições são intensas e por curto

²¹ Em entrevista ao autor no dia 7 de abril de 2019

²² Texto original: *Buenos periodistas deportivos no se caracterizan por escribir y hablar con conocimiento de causa sobre el deporte o los deportes que traten; son excelentes periodistas porque van más allá de la propia actualidad de la noticia deportiva.* (ALCOBA, 2005, p. 70- 71)

período. A TV Globo é uma das emissoras que mais faz uso desse tipo de contratação, devido ao amplo direito de transmissão que tem, aumentando a necessidade de mais mão de obra especializada.

Entre grandes nomes contratados para a cobertura da Copa de 2014, no Brasil, estava Ronaldo Nazário, o “Fenômeno”, mas o ex-jogador esbarrava em um conflito de interesses, destacado pelo jornalista Bene Turco, em seu *Blog na Gazeta Esportiva*:

Esclareço logo que há antigos craques que fazem análises sérias, respeitadas e importantes. É fácil citar Tostão, atualmente colunista da “Folha de S. Paulo”. Mas há outros, como Casagrande, na TV Globo. Mas não há como ficar despreocupado com o caso de Ronaldo, por exemplo. Ele tem inúmeros interesses, é dono de uma agência que representa jogadores, faz parte do Comitê Organizador Local da Copa do Mundo... E vai comentar jogos, que eventualmente terá atletas representados por sua empresa? Vai comentar jogos da Seleção que se prepara para a Copa, que o tem na organização? Ele fará isso, provavelmente.²³

O conflito de interesses se assemelha a outro debate recorrente sobre esses personagens nos canais de esportes. Boa parte deles é reconhecida pelo sucesso enquanto esportistas e, particularmente, no futebol há um estreito elo entre a atividade propriamente dita e a paixão por um clube do coração. No caminho natural do sucesso estão as conquistas de títulos que podem colocar o atleta num posto de ídolo de determinados clubes. Uma das premissas do jornalismo é a integridade e imparcialidade e essa postura é questionada quando os personagens estão diante de partidas dos times onde tornaram-se ídolos.

É justamente neste ponto que “colaboradores” e jornalistas se complementam. O conhecimento técnico dos ex-jogadores é rico para as transmissões, mas se eventualmente o consultor se excede e trás para o público suas impressões além da parte técnica, envolvendo, talvez, o aspecto passional por um clube ou preconceitos da época em que atuava, o editor entra em ação e resolve esta questão. Luiz Fernando Franco, o Lufe, responsável pela equipe de eventos do Sportv, fez uma leitura sobre a idolatria relacionada a ex-atletas no jornalismo:

Eu acho que antes era pior. No mundo globalizado as pessoas entendem mais. Era jogador do time X, mas hoje é um profissional que entende de futebol e ele equilibra, mas se desequilibrar cabe a nós avisar e dizer o que pode falar. É claro que o conhecimento do clube vai ser maior, mas não tem problema. É por isso que dividimos por regiões, mas tem que estudar o outro time por que a transmissão é para o Brasil todo. Ainda

²³ Disponível em: <https://blogs.gazetaesportiva.com/beneturco/2013/04/02/comentaristas-de-futebol-jornalistas-e-ex-jogadores/>. (Acesso em 02/06/2019)

tem muito idiota que pensa: “Ah, botaram esse cara para fazer esse jogo do time que ele jogou”. É uma bobagem! Se ele não tivesse condições de estar lá, não estaria. Hoje no Brasil é pior e por isso jornalistas não revelam seus times. Eu acho uma besteira isso, mas entendo porque tem muito idiota que confunde as coisas e vai querer agredir o cara e tal.²⁴

Ronaldo também é um exemplo de um dos motivos para a contratação desse perfil para as transmissões esportivas. O ex-craque, campeão de Copa do Mundo, tem história e conhecimento de causa no esporte, mas ao mesmo tempo é um ícone midiático, que atrai a audiência para o canal. Este apelo pode ser perigoso, levando em conta que este fator pode ser revertido em bons números, mas pode custar caro, caso o comentarista não esteja plenamente apto a esta função.

Para evitar este tipo de atrito, alguns personagens que acabam superando essa “peneira”²⁵, buscam melhorar seu conhecimento nas técnicas do jornalismo. Edmundo procurou aprimorar-se, após ser convidado para integrar as equipes da Redetv, Band e FOX Sports, em sequência, mas admite não ter perdido sua essência:

Fui estudar alguma coisa e aprendi que é melhor eu dar minha opinião de forma certa ou errada do que eu achar. Minha opinião é essa. Se estou certo ou errado, o tempo vai dizer. As vezes algumas coisas fui estudar, aprender, por que eu não tinha conhecimento, mas algumas coisas são do meu eu, da minha sinceridade.²⁶

A crescente participação de ex-atletas no jornalismo esportivo destaca ainda mais a importância do cargo de edição nas redações. Este profissional, conhecedor das técnicas de jornalismo, funciona como filtro para que o lugar de fala do comentarista seja respeitado e que não haja conflito entre estes e os colegas de empresa devidamente diplomados em jornalismo. Paulo Vinícius Coelho, jornalista renomado, reconhece que falta o editor, alguém para chamar o cara como “ex-jogador” para dizer: “aqui você vai, aqui você não vai”²⁷ e que esse tempero no diálogo entre as partes e a responsabilidade com os princípios éticos do jornalismo equilibra a qualidade da informação que chega ao espectador.

2.4. Nelson Rodrigues

²⁴ Em entrevista ao autor no dia 22 de maio de 2019

²⁵ Termo comumente utilizado no futebol para se referir aos testes nas categorias de base. Neste caso refere-se aos comentaristas “freelancers” que podem, ou não, permanecer na emissora.

²⁶ Em entrevista ao autor no dia 7 de abril de 2019

²⁷ Em entrevista ao autor no dia 15 de abril de 2019.

Escritor, jornalista, dramaturgo. Nelson Rodrigues, pernambucano de Recife, nasceu em 23 de agosto de 1912. Filho de Maria Esther Falcão e do jornalista Mário Rodrigues. Nelson veio ao mundo em meio a uma quente batalha política em terras pernambucanas, que ocorria entre os “caciques políticos” Rosa e Silva e Estácio Coimbra, recém-apeados do poder pelo marechal Hermes da Fonseca, presidente da República e o novo governo do general Emílio Dantas Barreto. Diante deste cenário, o pai de Nelson, Mário Rodrigues era partidário do novo governo, o que quase lhe causou a morte, por tiros de carabina, em praça pública. (CASTRO, 1992)

Tendo um pai polêmico, Nelson Rodrigues seguiu pelo mesmo caminho e é reconhecido por um aspecto controverso e imoral, misturando temas tabu da família brasileira, como sexualidade, causando espanto, mas lotando teatros com a exibição de suas obras. Algumas delas são “O Beijo no Asfalto”, “Toda nudez será castigada”, “Bonitinha, mas ordinária” e “Vestido de Noiva”, esta última considerada como “praticamente a invenção do teatro brasileiro” (CASTRO, 1992).

Além de seu talento na dramaturgia, Nelson fora reconhecido também por suas crônicas. Nelas o autor mesclava as técnicas teatrais com o conhecimento no futebol, para dramatizar as histórias e atrair os amantes do esporte. O livro “À sombra das chuteiras imortais” (1992) uniu 70 crônicas do escritor, produzidas entre as Copas de 1950 e 1970, abrangendo três títulos mundiais da seleção brasileira.

Nelson Rodrigues era míope e por vezes precisava de ajuda para identificar lances ocorridos diante de seus olhos nos estádios. Então como ter uma precisão jornalística ao escrever sobre as partidas? Para ele não era necessário haver toda essa precisão, mas escrever de maneira a tornar mitos os personagens que atuavam entre as quatro linhas.

(Nelson) via vultos correndo pelo campo e só fazia uma ideia do que estava acontecendo porque as torcidas têm um código coletivo, de uhs e ohs, além dos gritos de gol. Impressionante é que isso nunca o tenha impedido de ir ao futebol e, durante muitos anos, escrever e falar sobre ele. (Mas sempre tomando a precaução de ter alguém ao seu lado para “irradiar-lhe” o jogo). (CASTRO, 2013, p. 150)

Ruy Castro, no prefácio da coletânea de crônicas, explica o perfil de Nelson: “Supôs-se que a maneira com que ele escrevia sobre futebol, quase desligando-o da vida real e jogando-o numa dimensão de eternidade, fosse suficiente para tornar essas pessoas fascinantes, mesmo que o leitor não tenha grande informação sobre elas.” (CASTRO, 1993, p.11)

Nelson, amante de futebol, romantizava o esporte considerado o mais popular do país até os dias atuais, mas ao mesmo passo que elogiava, criticava. Em 1950, quando viu a seleção brasileira ser derrotada no Maracanã, usou a expressão “complexo de vira-latas”, que tornou-se uma de suas crônicas anos mais tarde, em 1958, antes da primeira conquista em Copas do Mundo, para explicar a postura do futebol brasileiro diante de outros plantéis:

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. (RODRIGUES, 1958, p.62)

Passado o trauma da derrota diante da torcida brasileira, no estádio que levaria o nome de seu irmão, Mario Filho, Nelson recuperara o entusiasmo na seleção brasileira, após duas conquistas, em 1958 e 1962 e a poucos dias de presenciar o tricampeonato, já dava o time de Pelé e cia como produtor de grande espetáculo aos fãs do esporte:

Quem jogará por nós é o melhor escrete da Copa. Enquanto os outros dão botinadas, o brasileiro faz a arte que os “entendidos” negam e renegam. Vocês devem ter visto, ontem, o tape de Inglaterra x Alemanha. O campo era varrido de correrias irracionais. Vale tudo, do gogó para cima. Vinte e dois homens, e mais o juiz e mais os bandeirinhas, e aquela fauna triste de patadas. Que falso futebol, que antifutebol. Amanhã, sim, amanhã o mais belo futebol do mundo jogará contra a Itália. E quando acabar o jogo vocês verão subir o nome do Brasil como um formidável berro em flor. (RODRIGUES, 1958, p.217)

Essa idolatria era comumente percebida num conceito de heroísmo criado em seus textos. A sua limitação visual, naturalmente, o impedia de ver com clareza os acontecimentos em campo, então restava ao escritor, dar uma outra ótica (ainda que míope) aos lances e para dar mais emoção aos fatos, dramatizava-os a níveis fantasiosos, principalmente quando a pauta eram os quatros principais clubes do futebol carioca: Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, além da seleção brasileira. Considerado até hoje o Rei do Futebol, Pelé era o “gênio indubitável”, Garrincha, o jogador que possuía “o drible certo com as pernas tortas”.

Para supervalorizar os craques do futebol brasileiro, Nelson não poupava adjetivos depreciativos aos atletas do futebol exterior, como os ingleses, alemães, por exemplo, que possuíam em seus plantéis, jogadores qualificados. O doutor em Estudos Literários Paulo Sérgio Marques explica a importância desse método de desvalorização do outro, para a construção da imagem de herói, aplicada por Nelson no futebol.

Ocidental marca o protagonista com os traços masculinos da transcendência e da vitória sobre o inimigo. [...] São todos expressão de uma mesma simbólica diurna: Ulisses enfrentando o mar informe e nefasto, Artur ou Carlos Magno e seus cavaleiros lutando contra bruxos, dragões ou muçulmanos ou Robinson Crusoe organizando uma natureza caótica e pelejando contra as injunções da brutalidade marítima e terrestre – todos representam um ideal de vitória sobre o Outro, maligno e caótico, inimigo e causador da morte que aniquila o sujeito nascido da consciência patriarcal. (SÉRGIO MARQUES, 2007, p. 69)

No aspecto da idolatria, vale destacar que Nelson Rodrigues era torcedor do Fluminense e apesar de escrever sobre outros clubes de futebol, não negava sua paixão pelo clube carioca, até por isso é considerado por boa parte dos torcedores, como o “maior tricolor de todos os tempos”. Uma frase que exemplifica a sua forte relação com o clube e, eticamente, poderia causar algum conflito, já que sobrepõe sua relação pelo clube aos fatos é a seguinte: “Eu vos digo que o melhor time é o Fluminense. E podem me dizer que os fatos provam o contrário, que eu vos respondo: pior para os fatos.”²⁸

À época em que Nelson tratava os atletas como ídolos, o país vivia situações políticas e sociais como o suicídio do presidente Getúlio Vargas, nos anos 1950, e o regime militar, instaurado em 1964, fatos que deixaram a população desapontada com relação aos seus líderes, e a escrita de Nelson elevou o futebol ao patamar de representação cultural do país, com suas conquistas, em meio ao momento político.

Nelson Rodrigues surge neste produto audiovisual como um personagem da história da crônica esportiva, que encaminhou sua carreira se distanciando dos métodos tradicionais do jornalismo e nunca cursou a graduação (até porque este é um curso recente e na época em que escrevia, era recém-criado no Brasil) para tornar-se uma referência em seus textos.

²⁸ Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/blog/historias-do-futebol-carioca/nelson-rodrigues-frasista-centenario/>. (Acesso em 15/06/2019)

3. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

O documentário “Sem Aspas” é fruto de um trabalho de produção realizado apenas pelos autores deste Trabalho de Conclusão de curso, desde a escolha dos entrevistados, passando pela logística de produção até chegar à edição final e teve duração aproximada de quatro meses de trabalho. Foram realizadas dez entrevistas com personalidades que possuem ligação direta com o tema em questão. As perguntas não eram reveladas previamente aos entrevistados para que a resposta tivesse o maior nível de fidelidade com o modo de pensar de cada um deles.

Como espectadores de longa data do jornalismo esportivo, os produtores deste material audiovisual perceberam a crescente presença de profissionais não diplomados no meio. Este cenário, no entanto, não é recente. Em 1949, Leônidas da Silva se aposentou dos gramados e tornou-se o primeiro ex-atleta do esporte brasileiro a se dedicar aos comentários em veículos de comunicação, neste caso o rádio. Se havia dúvidas do sucesso desta aposta, a resposta veio através de sete prêmios Roquete Pinto, considerado o maior da época do rádio. Contratado pela Rádio Panamericana, a atual Jovem Pan, de São Paulo, o ex-jogador chegou a cobrir as Copas do Mundo de 58 e 62, as duas primeiras conquistas da Seleção Brasileira.²⁹

Na sequência, entre os principais nomes de destaque que deixaram o esporte rumo aos microfones e câmeras, estão Gerson, o “canhotinha de ouro”, que até hoje atua na Rádio Tupi; Maria Esther Bueno, multicampeã no tênis, que até sua morte, em junho de 2018, prestou serviços para o canal Sportv, como comentarista; Walter Casagrande, que encerrou a carreira como futebolista em 1996 e é conhecido como principal parceiro de Galvão Bueno nas transmissões esportivas da TV Globo; Muricy Ramalho, ex-treinador e comentarista do Sportv e Carlos Eugênio Simon, ex-árbitro que atuou em Copa do Mundo, hoje analista de arbitragem no FOX Sports. Na atualidade, Roger Flores, Grafite e Edmundo são destaques por figurarem quase que diariamente nos canais em que são contratados. No caso de Roger Flores, não apenas como comentarista, mas também repórter e apresentador.

²⁹ Disponível em <http://globoesporte.globo.com/rj/serra-lagos-norte/noticia/2013/09/historias-incriveis-omito-leonidas-diamante-da-bola-batiza-chocolate.html>. (Acesso em 04/06/2019)

A porta de entrada mais comum para esses “especialistas” no jornalismo, que não limitam-se apenas a ex-atletas, mas também a ex-árbitros e treinadores são eventos pontuais de grande apelo, como Olimpíadas e Copa do Mundo, que demandam maior elenco nas transmissões. O exemplo mais atual disso é a chegada de Milene Domingues ao Grupo Globo, ex-jogadora de futebol, que complementa o time do canal Sportv na transmissão da Copa do Mundo feminina de Futebol, realizada na França.

O objetivo deste produto audiovisual é levantar o debate sobre a necessidade do diploma para a práxis do jornalismo, principalmente, esportivo. Para isso, foram ouvidos profissionais que estão ativos no mercado de comunicação, professor e estudante de jornalismo. Além de jornalistas conceituados e ex-atletas, profissionais que produzem conteúdo com aspecto mais voltado para o entretenimento também contribuíram para o debate sobre o *módus operandi* do jornalismo esportivo.

3.1. Escolha dos entrevistados

Um dos principais objetivos neste processo era obter opiniões diversificadas sobre a questão da necessidade do diploma em jornalismo para o exercício da função, na prática. Por este motivo, foram ouvidos dez personagens, com óticas diferentes sobre o mercado de trabalho e a formação na área do jornalismo. Foram ouvidos comentaristas, repórteres, apresentadores, colunistas, um blogueiro, um estudante, um professor e um membro de chefia em canal especializado em esportes. Todos os entrevistados foram questionados sobre o que conheciam a respeito de Nelson Rodrigues, personagem abordado como personagem em tributo.

DILSON JUNIOR

Dilson Ferreira dos Santos Junior, 26 anos, é peça fundamental neste estudo, pois traz a ótica do estudante recém-formado em jornalismo, sobre o curso e o ingresso no mercado de trabalho. Formado em 2018.2, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dilson é hoje, após estágio na empresa Telelistas e na Veja Rio, Gerente de Mídias sociais do Ministério Público do Rio de Janeiro.

Em entrevista gravada no próprio palácio universitário da ECO-UFRJ, Dilson relatou aos produtores deste documentário, seus dilemas durante o percurso da universidade e avaliou a estrutura física, grade curricular e o que esperava da universidade, antes de ingressar.

EDMUNDO

Edmundo Alves de Souza Neto, 48 anos, é um dos principais nomes da história do futebol brasileiro. Conquistou quatro Campeonatos Brasileiros, dois Campeonatos Paulistas, dois Cariocas, uma Copa Mercosul e uma Copa América e foi reserva de Ronaldo na Copa do Mundo da França, em 1998, sagrando-se vice-campeão. Todas essas conquistas foram alcançadas em 20 anos de carreira, após uma infância pobre no bairro do Fonseca, em Niterói e com a perda de seu irmão, encontrado morto, alvejado de balas.

Após deixar os gramados, Edmundo recebeu primeiro convite para ser comentarista na Redetv, e tinha como função expor seu conhecimento técnico, pela ótica de quem atuou como jogador e viveu os bastidores do esporte. Um aspecto que o destaca na função de comentarista, está descrita em sua biografia autorizada: “Sou verdadeiro. Sincero. Odeio falsidade. Vou continuar falando, para sempre, o que penso. E, acima de tudo, eu sinto a totalidade das coisas com muita intensidade.” (XAVIER, 2019). Após passar pela TV Bandeirantes, Edmundo ingressou no time do FOX Sports, em setembro de 2016 e o prédio da emissora foi o local definido para a gravação da entrevista.

A escolha por este entrevistado é devido ao seu papel como ex-atleta, não graduado em jornalismo, mas que divide o espaço com jornalistas conceituados no segmento esportivo. O ex-atleta explica como é sua relação com os colegas graduados, contou situações embaraçosas ocorridas nesta trajetória e contou também como é sua relação com outros ex-jogadores, desde que optou por seguir a carreira na televisão.

FERNANDO EWERTON

Fernando Ewerton Fernandez Júnior, 55 anos. Jornalista, Bacharel em Comunicação Social pela PUC-Rio (1985), Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ (1996), Doutor em Ciência da Informação pelo IBICT/ECO-UFRJ (2013). O coordenador do curso de jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro é chave deste processo de pesquisa, pois traz o ponto de vista da universidade sobre o formato e a necessidade desta formação para a atuação no mercado profissional.

O professor tem experiência no segmento esportivo. Em 1991, Fernando Ewerton foi correspondente de Formula 1 do Jornal do Brasil, baseado na Inglaterra; foi também um

dos fundadores do Portal Lancenet, até hoje uma das principais referências do jornalismo esportivo na internet; e durante sete anos foi responsável pelo blog “Remo em Voga”, especializado na modalidade e pelo qual cobriu as Olimpíadas e Paralimpiadas de 2016, no Rio. Além do mais, é estudioso do jornalismo esportivo e foi, até assumir a coordenação geral do curso, professor da disciplina que trata das estratégias para a práxis do jornalismo neste gênero.

Além do viés esportivo, Fernando Ewerton também leciona sobre o webjornalismo, um caminho em ascensão e que abre portas para indivíduos que tem a intenção de propagar conteúdo jornalístico, através de conhecimento de pautas específicas, mas não necessariamente com diploma em comunicação.

LUCAS GUTIERREZ

Lucas Gutierrez, 32 anos, é apresentador e auxilia na edição e redação do programa “Fala Muito”, do Sportv. Apaixonado por vídeo e cinema, o jornalista, formado pela PUC-RJ, é também ator e usa o seu conhecimento artístico para mesclar expressão e texto, em um programa que segue uma linha direcionada para o humor, mas que tem papel jornalístico, até porque é exibido em canal de notícias do esporte.

Essa diversidade na produção e apresentação de conteúdo foi o motivo para a escolha deste personagem como entrevistado. O programa que apresenta não tem um padrão “tradicional”, segue um roteiro mais visto na internet e o meio virtual é um dos caminhos abertos para que indivíduos sem formação pratiquem jornalismo. Questionado sobre a necessidade do diploma, o apresentador imagina a universidade mais dinâmica e mais voltada para conhecimento intelectual e considera que o estofo prático, vem no dia a dia das redações.

LUCAS STRABKO

Conhecido popularmente como “Cartolouco”, Lucas tem 24 anos e é formado pela Faculdade Cásper Líbero, especializada em comunicação, em São Paulo. O personagem que deu destaque para o jornalista é irreverente e como diz no próprio nome, não tem muitas travas e se enquadra no adjetivo “louco”. Isso pode ser percebido em sua postura, aparência, abordagem e nas pautas que produz. Esse perfil pode dar a impressão de que o jovem jornalista não tenha a devida formação, já que o que é exibido no ar se assemelha mais a entretenimento.

A escolha por esse entrevistado se deu também pela forma de se praticar jornalismo pelo viés do humor e entretenimento, como seu homônimo, Gutierrez, no tópico anterior. Além disso, outro objetivo importante era saber acerca do preconceito, se há ou não, diante da distância entre o trabalho praticado por ele e o jornalismo esportivo tradicional.

LUIZ FERNANDO FRANCO

Conhecido entre seus colegas de redação como apenas “Lufe”, o jornalista de 50 anos é Supervisor Executivo de Eventos do Grupo Globo. É formado pela Faculdade Helio Alonso e passou por TV Manchete, Redetv e Sportv, onde desenvolveu suas técnicas na área de eventos no jornalismo. Esta é a área responsável por organizar as transmissões ao vivo de eventos exibidos no canal.

Peça importante na engrenagem de um canal de TV, a opção por este personagem no documentário a sua ótica de gestor de jornalistas formados e não formados em uma transmissão esportiva. Quais são os aspectos importantes dessa diversidade e quais os desafios para que o conteúdo exibido seja atraente o suficiente para manter alta a audiência.

PAULO VINÍCIUS COELHO

PVC, como é conhecido entre o público e seus colegas de redação, é formado em jornalismo desde 1990, pela Universidade Metodista de São Bernardo do Campo, mas iniciou sua carreira três anos antes, aos 18 anos, no Jornal Gazeta do ABC; em 1991 chegou à Revista Placar e em 1998 deixou a publicação para tornar-se um dos fundadores do Diário Lance! Quatro anos depois começou na TV, como comentarista e chefe de reportagem na ESPN Brasil, onde ficou até dezembro de 2014, quando assinou com o FOX Sports, onde está até o presente momento, além de ser colunista da Folha³⁰. Chegando a três décadas de carreira, foi o primeiro escolhido para colaborar com este produto acadêmico, pois além de estar atualizado e consolidado no mercado e na mídia, também é pesquisador do esporte.

Repórter, comentarista, colunista, escritor e estudioso do jornalismo esportivo, PVC é autor de uma das literaturas que melhor apreciam esta área do jornalismo na atualidade. Citado anteriormente neste relatório, “Jornalismo Esportivo” é um livro que

³⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pvc/>. (Acesso em 06 de junho de 2019)

analisa a cobertura dos esportes desde o seus primeiros *modus operandi*, até modelos mais modernos de se cobrir esportes.

O objetivo da entrevista com o jornalista era extrair a opinião de um profissional experiente, com passagem relevante por campos variados do jornalismo esportivo e sua ótica sobre a crescente presença de ex-atletas e profissionais sem diploma no mercado jornalístico, principalmente o brasileiro. PVC alertou para a importância da equipe de bastidores e de um “editor” para que haja melhor balanceamento desses personagens na redação.

RÉGIS RÖSING

Régis Rösing tem 53 anos de idade, dos quais 29 são dedicados ao Grupo Globo. Conhecido pela irreverência nos bastidores e matérias criativas, Régis Rosing, nascido em Cachoeira do Sul, no interior gaúcho, iniciou sua carreira em rádios locais como locutor, em programas musicais, até ter oportunidade no esporte, já na RBS TV, afiliada ao Grupo Globo.

Apesar da longa experiência na equipe de um veículo conceituado na mídia brasileira, Régis não possui diploma em comunicação social ou jornalismo. Todo o conhecimento foi adquirido na trajetória prática, mas apesar do feito alcançado, ele lamenta não ter tido “oportunidade” de cursar o ensino superior. A entrevista traz relatos da trajetória de Régis e como é o relacionamento com os colegas que passaram pelo Ensino Superior.

RICARDO PERRONE

Rica Perrone, 40 anos, é formado em jornalismo pela FIAM, em São Paulo. O blogueiro escreve em suas redes sociais e site, de maneira descontraída e, como ele mesmo descreve, tem objetivo de ‘falar’ diretamente com o torcedor apaixonado, sem rodeios. Além de utilizar uma linguagem informal, Rica é crítico da profissão e se denomina o “não-jornalista”, por seguir linha oposta da cobertura esportiva tradicional.

O objetivo da entrevista é mostrar o ponto de vista de um profissional que produz material exclusivamente para a internet e como ele vê o futuro do jornalismo por este canal de comunicação, se ele tem ou não a tendência de substituir as mídias tradicionais. Outro aspecto deste personagem o fato de ter buscado a formação, sendo avesso a ideia de que seja necessário para exercício do jornalismo.

SETH KUGEL

Seth Kugel tem 48 anos e é um jornalista norte-americano. É colunista de viagens no jornal *The New York Times* e tem um canal no Youtube, chamado “Amigo Gringo”, pelo qual aborda o mesmo tema de sua coluna no jornal. O conteúdo produzido pelo jornalista é voltado para brasileiros que querem conhecer um pouco mais dos Estados Unidos, sem necessariamente viajar.

O principal objetivo desta entrevista, que foi a primeira realizada pelos produtores, em Nova York, é mostrar o ponto de vista de um jornalista que atua nos EUA, onde a discussão sobre a obrigatoriedade do diploma é praticamente inexistente. Lá considera-se relevante a formação em outras áreas, como por exemplo, economia, política, gastronomia e com a capacitação em determinados assuntos, é preciso apenas mostrar, através de testes, estar apto a transmitir ao público tais conhecimentos. Este é o caso do próprio entrevistado deste tópico.

3.2. Logística de gravação

Após o processo de escolha dos entrevistados, os autores organizaram a forma como as entrevistas seriam realizadas, considerando a diversidade das agendas de cada personagem chave deste processo. Antes do primeiro contato, foi definido que o equipamento utilizado na captação das imagens e som seriam os próprios aparelhos de celular dos produtores: Um Apple iPhone 7 Plus, utilizado como câmera principal, no plano americano em posicionamento $\frac{3}{4}$, que possui câmera dupla de 12 MP com lentes grande-angular e teleobjetiva, sendo a grande-angular com abertura $f/1.8$ e a teleobjetiva: abertura $f/2.8$. Gravação em HD de 1080p até 60qps com estabilização óptica de vídeo.³¹ E um Asus Zen Fone 3, utilizado como imagem alternativa em plano fechado $\frac{3}{4}$, com câmera de 16 MP, foco de 0,03 segundos, estabilização óptica e flash duplo.³² Para melhor qualidade do conteúdo registrado, foi utilizado fone de ouvido com microfone acoplado nas gravações com Edmundo e Lucas Strabko. Foram priorizados espaços com acústica profissional, propício para tal finalidade, o que não ocorreu apenas com Seth Kugel, Ricardo Perrone, Lucas Strabko, Dilson Junior e Fernando Ewerton.

³¹ Disponível em: <https://www.apple.com/br/iphone-7/specs/>. (Acesso em 13 de junho de 2019)

³² Disponível em: <https://www.asus.com/br/Phone/ZenFone-3-ZE520KL/specifications/>. (Acesso em 13 de junho de 2019)

Os autores de “Sem Aspas”, Kleber Pizão e Pedro Henrique Nascimento, trabalham em regime de estágio, respectivamente, no FOX Sports e no Sportv e por este motivo, os primeiros contatos foram feitos com personagens que trabalham nestes dois veículos, considerando a proximidade e a relação diária na redação. Algumas perguntas base foram definidas previamente e outras deixamos para decidir no ato da gravação, de acordo com a dinâmica da entrevista.

Seth Kugel foi o primeiro entrevistado deste projeto audiovisual. A entrevista com o jornalista do NY Times ocorreu em Nova York, realizada pelo Pedro Henrique, que esteve lá no início do ano. A gravação foi marcada semanas antes, via e-mail e ocorreu no dia 15 de janeiro, único dia que ele se colocou a disposição para atender, no Javitz Center, local onde o convidado participava da conferência de jornalismo e viagens *Travel Show*.. Como o entrevistador estava sozinho, esta entrevista tem apenas um ângulo de gravação e como era um ambiente externo, foi utilizado o fone de ouvido do iPhone 7 Plus para a captação de som. Seth respondeu sobre sua carreira, formação e percepção sobre o debate acerca da necessidade do diploma, algo que não aconteceu nos EUA.

Edmundo foi o segundo convidado para participar do projeto, tendo sido esclarecido sobre os objetivos e a importância de sua participação na produção. O ex-atleta aceitou prontamente e no mesmo momento revelou algumas histórias que já envolviam sua carreira e que poderiam ser exploradas durante a entrevista. Três semanas depois a entrevista foi marcada, no dia 7 de abril de 2019, um domingo, antes dele entrar no ar para participar do programa “A Última Palavra”, do canal FOX Sports e teve duração total de 31 minutos. A gravação foi realizada em uma cabine *OFF Tube*, onde os narradores transmitem eventos em que não podem comparecer *in loco* onde estão sendo realizados. A escolha deste local se deu justamente pelas características técnicas já citadas. Especialmente neste dia, utilizamos, ao invés do Zen Fone 3, um iPhone 7, pertencente ao próprio FOX Sports, similar ao do Pedro Henrique, com o intuito de melhorar a qualidade da imagem captada, além de um suporte cedido pela equipe do canal para estabilizar a gravação da câmera 1. Edmundo foi perguntado sobre a carreira, seu ingresso no jornalismo e os desafios encontrados por não ser graduado na profissão.

O terceiro entrevistado foi Lucas Strabko, o Cartolouco. O agendamento para o dia 11 de abril, ocorreu no dia anterior, também presencialmente, pelo Pedro Henrique, nas dependências da Globosat, na Barra da Tijuca. A entrevista foi realizada no apartamento do próprio jornalista, num prédio praticamente vizinho ao que trabalha. A gravação

ocorreu na sala de Lucas e devido a altura, 30 andares, o ruído da rua não atrapalhou e a luz natural das 11h da manhã contribuiu para a qualidade da gravação. Mesmo tendo pouco ruído, nesta utilizamos fones de ouvido para captar o som com melhor qualidade. Não foi utilizado nenhum tipo de tripé nesta entrevista. Esta gravação durou 33 minutos e Lucas foi perguntado sobre sua carreira, formação e universidade, sua forma diferente de praticar o jornalismo, se já sofreu preconceito e também sobre a crescente do jornalismo feito nos meios digitais.

Paulo Vinícius Coelho foi o quarto entrevistado. A gravação foi marcada nas dependências do FOX Sports, com uma semana de antecedência, via contato presencial com Kleber Pizão e ocorreu às 10h30 da manhã, do dia 15 de abril. O cenário escolhido foi o mesmo da primeira entrevista, com Edmundo e foram utilizados os mesmos recursos de gravação. PVC respondeu sobre formação, carreira, relacionamento com atletas não formados e como vê o futuro do jornalismo esportivo. A duração foi de aproximadamente 35 minutos.

Régis Rösing foi o quinto ouvido para o documentário. O dia 16 de abril era para ser promissor, já que o Kleber estava de folga e foi com mais tempo para o prédio do Sportv, ao encontro de Pedro para a gravação do Régis e também da Glenda Kozlowski. A segunda já havia sido contatada pelo Pedro, mas precisou fazer uma gravação externa no dia e decidimos não reagendar, já que a apresentadora não possui diploma, e se mostrou desconfortável, pedindo para não falar diretamente sobre o tema.

Régis, convidado por telefone, pelo Pedro, seria o primeiro a ser gravado, mas foi chamado para uma reunião de pauta que durou cerca de 2h30. Com isso, a entrevista que ocorreria por volta das 14h30, foi realizada às 17h30. Separamos uma cabine de gravação *OFF*, aproveitando o cenário com microfones e monitores, além do isolamento acústico apropriado. No entanto, após 13 minutos de gravação, fomos interrompidos, pois haveria uma gravação na sala e tivemos que mudar o local para outra, ao lado, com as mesmas condições técnicas. O total gravado foi de 30 minutos, aproximadamente. Régis foi perguntado sobre a carreira, relação com os colegas e futuro do jornalismo.

Lucas Gutierrez foi o sexto entrevistado do documentário. O apresentador se mostrou solícito com o projeto e a gravação foi marcada pelo Pedro Henrique, através de contato presencial, para o dia 26 de abril, às 11h, no prédio do Sportv, e ocorreu em uma cabine de gravação *OFF*, com acústica preparada para perfeita captação de áudio e aproveitamos um monitor, microfone e fones de ouvido do estúdio complementando o

cenário. A gravação durou cerca de 25 minutos e o jornalista respondeu sobre formação, carreira, como vê o futuro do jornalismo e como tem seu trabalho visto pelos colegas, já que segue uma linha mais próxima ao do entretenimento.

Rica Perrone foi o sétimo entrevistado, e o primeiro após uma sequência de colegas de empresa, que não faz parte do eixo de profissionais do FOX Sports ou do Sportv. O contato com o jornalista ocorreu via *Instagram*, que é uma das ferramentas utilizadas por ele para publicar conteúdo jornalístico. A visualização da mensagem, enviada na tarde do dia 30 de abril, ocorreu segundos depois e a resposta foi positiva. A gravação foi marcada para o dia 02 de maio, em seu quarto no hotel Wyndham Barra, onde morava temporariamente. Chegamos às 18h30 e montamos o set de gravação com apoio do entrevistado que nos cedeu um tripé e uma lâmpada led profissional para iluminação, que terminou não funcionando, devido à bateria. Iniciamos a entrevista que teve duração de 23 minutos, aproximadamente. Rica foi perguntado sobre formação, carreira, jornalismo na atualidade e no futuro e sobre o papel das mídias alternativas âmbito jornalístico.

O professor Fernando Ewerton foi o oitavo entrevistado. O coordenador de jornalismo da ECO-UFRJ foi ouvido no Laboratório de Edição 3, da CPM. A gravação foi realizada com apoio de dois mini tripés, adquiridos no transporte público. O cenário era composto por um computador e material de edição de vídeo da universidade. A gravação ocorreu no dia 17 de maio, uma sexta-feira, agendado com uma semana de antecedência, por e-mail. A acústica da sala não era profissional, mas contribuiu para a qualidade do áudio. A entrevista teve duração de 35 minutos e o professor respondeu sobre a dinâmica da universidade, necessidade do diploma, formação e carreira.

O penúltimo entrevistado foi o Luiz Fernando Franco, o Lufe. O coordenador de eventos foi contatado pelo Pedro Henrique, presencialmente e a gravação foi agendada para a tarde do dia 22 de maio. O local da gravação foi o mesmo da entrevista com o Lucas Gutiérrez (uma cabine de *OFF* no Sportv) e as respostas foram mais curtas, porém precisas. A entrevista teve duração de 17 minutos e Lufe respondeu sobre carreira, formação e como gerencia a presença de profissionais formados e não formados nas transmissões esportivas.

Dilson Júnior foi o último personagem ouvido. Este é amigo pessoal dos dois produtores e foi contatado via telefone quatro dias antes da gravação, que ocorreu no dia 24 de maio, no Palácio Universitário da Praia Vermelha. O local utilizado foi um corredor em reformas do prédio de Educação. Esse local foi escolhido por haver menos trânsito de

peças e barulho, já que não havia operários no local. Utilizamos os mini tripés das últimas entrevistas. Esta teve duração de 26 minutos e o jornalista recém-formado respondeu sobre a universidade, sua história de vida e o que espera do futuro da profissão.

3.3. Edição

Com imagens de apoio de alguns dos principais personagens do documentário em um filtro preto e branco e ao som de uma trilha dramática, o filme começa a apresentar o tema, ainda de forma vaga. A temática ganha força conforme as vozes formam um sentido: o preconceito dentro do jornalismo esportivo. Seja ele de formado para ex-atleta não formado, quanto o contrário. Neste trecho são utilizadas imagens cedidas pela TV Globo, retiradas do Youtube e gravadas pelos próprios autores.

Logo no primeiro quadro do vídeo, aparece o jogador Felipe Melo durante a Copa do Mundo de 2010. O volante, no trecho, dava um lançamento que se tornaria uma assistência para o gol da seleção brasileira contra a Holanda, na fase quartas de final da competição. Uma das jogadas mais bonitas da carreira do atleta. Enquanto passa o lance, o áudio recupera uma briga entre o comentarista Paulo Vinicius Coelho e o meia. Melo questiona com um tom autoritário e crítico: “você é jornalista?”.

Em sequência, alguns trechos de brigas em programas esportivos que serão mostrados na íntegra no decorrer do filme são colocadas sobre a trilha. Luciano do Valle grita “jornalista não!” em um trecho do discurso feito ao vivo na TV Bandeirantes e lembrado pelo canal Desimpedidos. A ideia da edição foi justamente dar a impressão ao telespectador que o narrador, falecido em 19 de abril de 2014, respondia ao questionamento de Felipe Melo. Após, o comentarista Mário Sérgio diz “trabalhei no meio, você não”, como se estivesse complementando a frase do locutor esportivo. Nestes dois momentos, as imagens mostram Edmundo marcando um gol pelo Vasco e comemorando bastante.

Ao somar a imagem de um momento nobre de Felipe Melo e de Edmundo, o filme tenta passar a impressão que aqueles áudios defendiam um lado da briga entre formados x ex-atletas não formados. A partir deste momento, começa o lado dos jornalistas diplomados.

No mesmo programa em que Felipe Melo questionou se Paulo Vinicius Coelho era jornalista ou não, o mesmo respondeu: “você é jogador?”. A imagem relembra o mesmo jogo de anteriormente, mas no trecho escolhido o volante pisa em Arjen Robben, é expulso e prejudica o Brasil na disputa por uma vaga para a semifinal da Copa.

O filme retorna à Edmundo. O craque está chorando, nos braços de alguém do staff vascaíno e cercado de microfones, gravadores e telefones celulares de repórteres. Por baixo, dois áudios de duas brigas do agora comentarista do FOX Sports. Triste, ele reclama: “estou aqui de intrusão” e “vocês jornalistas é que estão certos”.

Mais uma vez, um áudio enfático de Luciano do Valle é coberto por uma imagem que representa a imprensa televisiva, um teleprompter e o monitor de retorno. O narrador diz: “Imprensa não, vírgula! Os que se acham da imprensa”, ao se referir a comentaristas não diplomados. Depois do comentarista Rodrigo Bueno falar que trabalhou durante 20 anos como repórter, o locutor complementa e finaliza a primeira parte da introdução de forma forte: “Para comentar do meu lado tem que ter diploma!”. Para cobrir estes momentos, foram utilizadas as imagens fechadas do gol de Robinho, citado anteriormente.

Começa então a segunda e última parte da introdução. Trechos de reportagens do dia em que a necessidade do diploma para exercer a profissão de jornalista são mostrados com um efeito de filmes antigos. Além de dar a ideia de algo que aconteceu há muito tempo, o efeito foi colocado nas laterais de maneira estratégica. As imagens dos jornais não estão no formato HD de hoje em dia, estavam em 4:3 em vez de 16:9, padrão das televisões e celulares dos dias atuais.

Entre alguns trechos foram deixados alguns quadros sem imagem, os chamados “blacks”. A ideia é criar uma cena dramática, em conjunto com a trilha, e mostrar o título do filme. No fim da introdução, o âncora Carlos Nascimento, do SBT, faz um discurso emocionado sobre a comparação feita pelo Ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, entre jornalistas e cozinheiros.

Começa, então, o primeiro capítulo do documentário. Cada personagem foi introduzido de maneira especial. Seja mostrando o local nativo de trabalho ou trechos em que apareciam na televisão. Como o primeiro entrevistado foi Paulo Vinicius Coelho, o filme começa com imagens de apoio da Fox mudando na batida da trilha, agora, animada. Por ter mostrado a empresa e ele na TV, foi colocado no crédito apenas a função que exerce lá.

Após a explicação curta de Paulo Vinicius do que é jornalismo na própria visão, o documentário volta às imagens de apoio do canal esportivo e apresenta o comentarista Edmundo. O ex-jogador explica porque não tem rivalidade com outros jornalistas da

empresa e dá uma declaração curiosa. “Não tenho compromisso com a notícia. Tenho compromisso com a verdade de comentarista.”.

Terceiro entrevistado a aparecer, Rica Perrone dá uma declaração que, na montagem, concorda com o que Edmundo havia falado. Para o blogueiro, comentarista não tem que aprender jornalismo, apenas entender de futebol. O paulista ainda complementa, enquanto é coberto pela introdução do próximo entrevistado, que não liga para o diploma dos que comentam. Entra, então, a opinião da academia através de Fernando Ewerton, coordenador de Jornalismo da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O professor destrincha a questão da necessidade do diploma para exercer o jornalismo profissionalmente e explica a origem.

Ainda no tema diploma, há uma nova introdução de personagem. Com imagens da Times Square e da entrada da redação do jornal The New York Times (NYT), em Nova Iorque, nos Estados Unidos, o filme introduz Seth Kugel, repórter da editoria de viagens do periódico norte-americano.

Além de jornalista, Kugel é criador de conteúdo no Youtube. Possui um canal, o “Amigo Gringo” para ajudar e dar dicas a brasileiros que visitam a “Big Apple”, como é conhecida a cidade de Nova Iorque. Para introduzi-lo foi utilizada o início de um de seus vídeos, no qual ele mesmo se apresenta ao telespectador.

Enquanto o repórter explicava as diferenças que via entre Estados Unidos e Brasil no quesito faculdade, era coberto por algumas imagens que davam movimento ao que falava.

Inicia-se mais um capítulo. A faculdade. Para introduzir, mais uma tela preta e uma nova trilha. Entra um samba com uma batida melódica em conjunto com imagens da Praia Vermelha, na Urca. A intenção é trazer o espectador de volta ao Brasil e localizá-lo. As belas imagens filmadas por um drone trocam de ângulo conforme a batida da canção. Aparece, então, a placa com o nome da Escola de Comunicação, da UFRJ, os corredores, e o próximo entrevistado: Dilson Júnior, recém-formado e empregado no mercado jornalístico. As imagens de apoio com o agora assessor do Ministério Público foram feitas no mesmo dia da entrevista e simulam o caminho percorrido por ele durante os quatro anos em que estudou na ECO.

No fim do depoimento, Junior dá uma declaração forte, por isso, é utilizada a imagem de apoio com aproximação da câmera. Isso dá um peso a mais à frase. Imediatamente na sequência, surge a introdução a Lucas Strabko, o Cartolouco. É

mostrado o início de um VT produzido pelo repórter durante a Copa do Mundo da Rússia. Na sonora, Strabko segue o assunto faculdade e explica a própria experiência com a academia. Enquanto dá exemplos do que gostaria de ter vivido na universidade que cursou, algumas imagens relacionadas cobrem a entrevista. Ao fim, ele cita Régis Rösing, repórter da TV Globo que nunca cursou jornalismo e que foi entrevistado pela equipe de produção.

Rösing é introduzido pelo próprio Lucas Strabko em uma matéria que foi ao ar no programa *É Gol*, em 9 de novembro de 2018. Em um trecho do VT, o repórter questiona que ritmo está dançando com o Maxi Lopez. Entra, neste momento, uma nova trilha do documentário. Curta, ela é coberta por imagens de apoio da redação do Esporte do Grupo Globo, inclusive um time lapse que leva o telespectador para dentro do local de trabalho do entrevistado.

Seguindo o padrão, ele fala sobre faculdade. Dá a opinião de quem nunca teve a oportunidade de entrar numa universidade enquanto é coberto por stand ups em matérias antigas. Quando Rösing começa a falar, inicia uma trilha mais cadenciada e melancólica. Com um corte seco, por estarem na mesma redação, em locais diferentes, e falando sobre o mesmo assunto, Lucas Gutierrez aparece pela primeira vez. Durante o depoimento, por ser longo, há umas brincadeiras com os ângulos das duas câmeras utilizadas a fim de dar movimento à entrevista.

Gutierrez cita a faculdade americana para dar um exemplo. Fala sobre as “majors” e “minors”, que são explicadas logo após no retorno de Seth Kugel. A sonora do norte-americano é coberta por imagens da New York University (NYU) e por outras que situam o espectador em uma sala de aula americana. O apresentador do *Fala Muito* e do *Esporte Espetacular* volta para continuar falando sobre faculdade e sobre como a base teórica e de visão de mundo é importante. Para finalizar o capítulo, Dilson Junior fala sobre as experiências de vida que recebeu na faculdade e como evoluiu a partir disso e Paulo Vinicius Coelho rechaça a discussão pela obrigatoriedade e dá opinião sobre a educação brasileira.

Para dar início a um novo tema e finalmente mostrar a versão completa dos embates mostrados na introdução, é utilizado um vídeo do Canal *Desimpedidos* e apresentado pelo influenciador digital Fred. No fim do trecho, aparece uma chamada para a briga no ar entre PVC e Felipe Melo. O comentarista explica a situação enquanto a discussão é mostrada em partes.

Na sequência, mais um problema que aconteceu ao vivo e envolveu o blogueiro paulista. Nos depoimentos, Edmundo e PVC dão suas versões da briga que deixou um clima ruim durante a transmissão de uma partida do São Paulo, pela Copa Sul-Americana. Ao fim, o comentarista formado explica que o colega de FOX Sports não entendeu o que é o papel de jornalista. Para dar ênfase à declaração, é trocado o plano para um mais fechado no rosto do entrevistado.

Mais um capítulo. Sem aparecer na frente das câmeras, a introdução de Luiz Fernando Franco, o Lufe, é mais discreta. Apenas uma imagem fechada e detalhada com efeito preto e branco ao som de uma trilha mais sensível e lenta. No fim da sonora, o supervisor executivo de Eventos cita o tema que será abordado: Fake News, as notícias falsas.

Para dar a impressão de falha foram utilizados elementos como a tela preta em poucos quadros, a imagem de uma TV com problema de sinal e o som de uma interferência. A fim de explicar o motivo das “falhas”, uma sequência de pessoas que usaram bastante o termo nos últimos anos foi colocada. São eles: Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, Jair Bolsonaro, presidente do Brasil e, para trazer novamente o espectador para o âmbito esportivo, o repórter Eric Faria, do Grupo Globo. O professor Fernando Ewerton e o Lucas Strabko dão a opinião sobre o tema. O repórter inclusive cita um famoso caso, do áudio do “Seu Armando”, que viralizou. Para ilustrar, foi mostrado o vídeo que viralizou e algumas matérias que revelaram a origem.

Em um novo capítulo, sobre jornalismo e entretenimento, Rica Perrone, coberto por imagens do próprio canal do Youtube, Lucas Gutierrez e Luiz Franco debatem sobre o tema.

Como uma forma de tributo a Nelson Rodrigues, o último capítulo começa com um chorinho, estilo de música de sucesso durante a infância do cronista. Neste trecho, os entrevistados falam de forma livre sobre o que acham e o que conhecem do pernambucano.

Para dar corpo e enriquecer as sonoras, foram utilizados dois trechos de um documentário feito pelo Sportv, algumas declarações de Ruy Castro, biógrafo de Nelson, e Nelson Rodrigues Filho.

Nos créditos, em um plano diferente dos utilizados anteriormente no filme, olhando pela primeira vez diretamente para o espectador, os entrevistados aparecem em meia tela dizendo nome, idade, profissão e se têm ou não diploma de jornalismo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate sobre a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista seguirá ainda por tempo indeterminado no âmbito político, acadêmico e social, já que uma das pautas deste debate envolve a liberdade de expressão de todos os cidadãos. Este projeto apresentou visões diferentes sobre o assunto, através dos entrevistados no documentário “Sem Aspas”.

Partindo do viés histórico, percebeu-se que a difusão da imprensa esportiva nos jornais foi cercada de preconceito no início, sendo considerada menos relevantes que outras editorias, como economia e política e os primeiros esportes eram os voltados para a elite. Na atualidade, o esporte transcende níveis sociais e atinge apaixonados de qualquer classe social e a participação de ídolos de determinados clubes ou personalidades que possuam forte relação nos canais de esporte, atrai audiência de torcedores.

Ouvindo todos os 10 convidados para relatar suas experiências, chega-se a conclusão de que a prática jornalística é fundamental para o crescimento profissional e que, em alguns casos, falta um pouco mais disso nas universidades. Por outro lado, a carga histórico-cultural das academias é relevante para o desenvolvimento não só profissional, mas intelectual dos jornalistas. Além do mais, como o entrevistado Lucas Strabko ressaltou, o ingresso de jovens jornalistas nos grandes veículos de comunicação, se dá, quase totalmente através do regime de estágio, possível apenas quando o estudante comprova vínculo com uma instituição de ensino.

Os objetivos deste projeto foram alcançados, na medida em que não havia a intenção de se obter uma resposta específica para o debate ou encerrá-lo, mas valorizar a importância do mesmo. O sucesso deste produto audiovisual também está no fato de que foi possível alcançar todos os personagens esperados no planejamento inicial. Partindo de jornalistas conceituados e graduados, jornalistas recém-saídos da academia, ex-atletas, jornalistas da internet e profissionais não formados que têm atuação reconhecida no mercado da comunicação.

Este Trabalho de Conclusão de Curso passa longe de esgotar a discussão acerca deste assunto, levando em consideração que desde 2009, ocorreram recorrentes mudanças na legislação sobre a necessidade de obter-se o diploma para a livre prática do jornalismo.

Logo, cabem pesquisas mais aprofundadas sobre o perfil desses profissionais que atuam sem o diploma, a realização do jornalismo na internet, através de suas ferramentas e sobre as universidades, que a exemplo da UFRJ, teve sua estrutura curricular modificada, visando tornar o curso de jornalismo mais completo e funcional para os estudantes que buscam um espaço no mercado de trabalho.

A experiência adquirida neste projeto de pesquisa engrandeceu o conhecimento sobre a prática jornalística e os desafios que se aproximam com a conclusão da graduação. O jornalismo é cíclico e pelo seu valor social, está sempre sujeito a revisões e atualizações nas suas formas e por isso esse debate é sempre relevante e segue com amplo universo a ser explorado, afim de que a práxis jornalística seja eficiente e preste seu papel à sociedade.

5. Referências Bibliográficas

ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **Periodismo desportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: matéria de primeira página**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BRETONES, Marcos Jardim de Amorim. Redação Sportv: Uma experiência de jornalismo esportivo crítico. 2010. 56 f. Monografia (Graduação - Curso de Comunicação Social), Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9057500-Faculdade-de-tecnologia-e-ciencias-sociais-aplicadas-curso-comunicacao-social.html>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé Inicial: Memórias do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

CASTRO, Ruy. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

_____. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo. Ed. Contexto, 2003

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, v. 1, p. 21-51.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SÉRGIO MARQUES, Paulo. “Narrativa, alteridade e gênero: o imaginário patriarcal e os arquétipos literários”. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. Araraquara: UNESP, 2007. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol11/11_7.pdf. Acessado em: 09 de junho de 2019.

TUBINO, Manoel José Gomes; GARRIDO, Fernando Antônio Cardoso; TUBINO, Fábio Mazon. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2007.

XAVIER, Sérgio. Edmundo: instinto animal: a história do mais ousado craque do futebol brasileiro. São Paulo: Seoman, 2019.